

Sumário

<i>Prefácio</i>	9
Apresentação	13
Por que estudar os grupos de estudos?	22
Percurso.....	25
1. COMO PESQUISAR?	29
A fenomenologia como possibilidade.....	36
2. CONHECENDO OS GRUPOS	45
Dois tipos de grupos de estudos	46
Grupos de estudos e poder disciplinar	48
3. FAZENDO PESQUISA	55
Questionário	55
Entrevista	63
4. OUVINDO OS PSICÓLOGOS	83
O que ouvir? As unidades de significado	83
Informalidade e tradição	87
Os nômades	89
Postura, formação, identidade	96

Considerações finais: o processo formativo.....	103
<i>A-letheia</i>	103
Em busca de uma síntese	106
<i>Conclusões</i>	109
<i>Bibliografia</i>	115

Prefácio

Sempre afirmei aos meus alunos que há uma grande diferença entre fazer pesquisa por obrigação e fazer pesquisa motivado por certa paixão pelo objeto pesquisado. Penso que, neste livro, Luiz Antonio Guimarães Canello nos brinda com um exemplo concreto de investigação que se enquadra na segunda categoria apontada; e, diga-se de passagem, conduzida com extrema competência.

Conheci o autor quando ele cursava o mestrado em Educação na Universidade Católica de Santos, no início dos anos 2000. Nessa época, eu trabalhava com Seminários de Pesquisa, uma das atividades curriculares obrigatórias a todos os mestrandos. Era, então, a figura “desagradável”, que tinha por obrigação apresentar regras, normas, enfim, as condições sem as quais não se faz pesquisa em educação de modo rigoroso e aceitável.

Professor do curso de Psicologia da Unisantos há tempo considerável, terapeuta respeitado na região e escritor já com vários livros publicados, Canello sempre me desafiou com seus questionamentos. Com freqüência, suas inquietações davam um to-

que diferente às aulas, aquecendo discussões entre alunos – todos adultos, em sua maioria já professores universitários – e professora, de modo que nossos encontros foram se constituindo situações de aprendizagem mútua e múltipla, também graças às suas intervenções. Ou seja, todos nós sempre aprendíamos algo novo com a dialogicidade assumida como método, conforme propôs com muita força epistêmica e política um de nossos educadores maiores, Paulo Freire.

Coube-me, assim, o grande desafio – enfrentado com muito prazer, aliás – de orientar sua pesquisa de mestrado. Confesso que a dificuldade maior foi tão-somente a de convencê-lo a começar a pesquisar. Quando a tomada de decisão se deu, o processo posterior foi de crescimento intenso e significativo, tanto para o pesquisador quanto para a orientadora. A partir de então, assumi a função de orientação propriamente dita, ou seja, a de instigar o processo dialógico quanto aos rumos da investigação.

A definição do tema surgiu, pode-se dizer, do núcleo “bom” das experiências do autor como estudante e como profissional de psicologia. Nesse processo de definição, ele se lembrou do doutor Pethö Sándor, com quem, ainda universitário, participou de um primeiro grupo de estudos sobre Jung. Lembrou-se também do doutor José Angelo Gaiarsa, outro importante nome da psicologia brasileira, que, segundo o autor afirma na Apresentação do livro, mostrou-lhe “faces diferentes e revolucionárias da psicoterapia”.

Estas e outras personalidades importantes – todas indicadas na Apresentação – foram responsáveis pelas experiências de formação do autor como psicólogo psicoterapeuta e, talvez, tam-

bém tenham sido interferências decisivas no desenvolvimento de suas habilidades literárias.

Do ponto de vista da pesquisa realizada para fins do mestrado, cujos resultados estão organizados neste livro, percebo sua gênese nestas experiências significativas, especialmente aquelas referentes aos grupos de estudos dos quais Canello participou, ou os que vem orientando já há um bom tempo.

Mais uma vez quero afirmar que a pesquisa foi conduzida segundo os padrões de rigor e organização que devem ser obrigatoriamente considerados na produção de um trabalho acadêmico, especialmente nas áreas das ciências humanas e da educação.

Canello usou, com maestria, os instrumentos metodológicos indispensáveis e adequados para obter informações sobre seu objeto de estudo: a relação dos grupos de estudo (GES, segundo a codificação do autor) com a formação do psicólogo psicoterapeuta. Trabalhou, com empenho e correção, na aplicação de questionários e na condução de entrevistas com sujeitos selecionados segundo critérios definidos, também, com o rigor necessário e possível.

A análise das informações coletadas e a elaboração crítica dos resultados foram primorosas. Nesse momento, com mais força até do que nos anteriores, apareceu a fundamentação teórica consistente que o autor consegue apresentar, num processo de *tessitura praxica*, ao comentar e explicitar progressivamente seu objeto de estudo, partindo dos depoimentos dos sujeitos entrevistados. Mas que se expressa, também, e a todo momento, como reflexão sobre o vivido pelos sujeitos, sobre suas próprias experiências, sobre as teorizações que dão respaldo e fundamento ao trabalho.

Pode-se reconhecer, sem dúvida, que este texto é construído com base na discussão de idéias que provêm da psicologia, da psicologia analítica, da psicoterapia fenomenológico-existencial; das importantes reflexões filosóficas que marcaram a modernidade e das que introduziram a pós-modernidade; da hermenêutica, da história etc. Enfim, tudo isso tendo como pano de fundo a fenomenologia, não somente como método de pesquisa – que o autor afirma e assume como possibilidade de se fazer pesquisa qualitativa em educação –, mas também como opção teórica, como certa cosmovisão, eu arriscaria afirmar.

Em suma, vejo este livro do ponto de vista de múltiplas entradas: a da pesquisa, do método, do questionário, da entrevista. A da discussão teórica sobre a área psi, sobre a filosofia, sobre a fenomenologia. A da formação do psicólogo, do psicoterapeuta, do ser humano. A dos grupos de estudos como um espaço dessa formação, ao mesmo tempo “informal, nômade e tradicional”, segundo o expressivo título que o autor escolheu para sua obra.

Tenho certeza de que a leitura deste livro será profícua e prazerosa para todos, tanto quanto foi para mim.

Sonia Aparecida Ignacio Silva

Professora doutora aposentada do Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista (Unesp).
Professora convidada da Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão (Cogeae) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Apresentação

Quando eu estava no segundo ano da faculdade, na Universidade Católica de Campinas, nos idos de 1967, encantei-me com aquilo que podia entender, na época, das idéias de Jung. Já não sei quem me falou a respeito de um psiquiatra húngaro, doutor Pethö Sándor, que morava na rua Paraguassu, em São Paulo, e orientava um grupo de estudos junguiano. Lembro-me de tomar contato com ele por meio de uma amiga, aluna do Sedes Sapientiae. E lá fui eu conhecê-lo. Convidou-me para uma reunião com seu grupo, que acabei freqüentando durante nove anos. Tomei o doutor Sándor como um modelo intelectual até agora não igualado. Ele falava diversas línguas, tinha conhecimento sobre um sem-número de assuntos, parecia ter lido o conteúdo de todas as bibliotecas. Eu o reputava (e reputo) um sábio. A ele dedico este trabalho.

Prestes a me formar, fiz parte também de outro grupo, desta vez com o doutor José Angelo Gaiarsa. De personalidade completamente oposta à do meu ídolo anterior, com sua irreverência brasileira, reichiano, criativo e excelente escritor, mostrou-me faces

diferentes e revolucionárias da psicoterapia. Foi a segunda grande influência que recebi. Não me recordo de quanto tempo permaneci estudando com o doutor Gaiarsa; calculo que foram, pelo menos, três anos. Durante certo período freqüentei tanto o orientador europeu como o latino, observando o modo de ser de cada um e constituindo minha maneira própria de pensar e trabalhar.

Percebo, hoje, que esses dois mestres tornaram-se as principais figuras de minha formação básica. Muito mais tarde, no final dos anos 1970, procurei a Associação Brasileira de Daseinsanalyse, já seduzido por leituras sobre a fenomenologia existencial. Durante uns seis ou sete anos freqüentei seus grupos, cursos e palestras. Apesar de filiado à Associação Internacional de Daseinsanalyse, o pessoal de São Paulo funcionava como uma entidade independente e mais informal, nos moldes de um grupo de estudos. Os contatos com João Augusto Pompéia, o Guto, e com Elsa Oliveira Dias mostraram-me outra visão da psicoterapia, que mantenho basicamente até hoje. No entanto, essa já foi uma escolha mais intelectual, mais crítica, encantadora à sua maneira, mas sem o caráter iniciático daquelas primeiras experiências.

Permeando tais estudos, freqüentei ainda grupos paralelos, por assim dizer. Junto com outros colegas, quando sentíamos necessidade de conhecer assuntos que facilitassem o entendimento dos autores estudados nos grupos principais, procurávamos alguém que pudesse nos orientar. Lembro-me, por exemplo, de reuniões que tivemos com a professora Thaís Curi Beaini, procurando um panorama amplo para situar a fenomenologia existencial dentro da história da filosofia. Também Zejco Loparic, dono de vasta cultura e poliglota, foi uma influência marcante. Estudamos com ele durante uns seis meses.

Já no final da década de 1980, atrevi-me a orientar grupos de estudos, inicialmente em psicoterapia fenomenológico-existencial. Eu era professor universitário desde 1970. O contraste entre as modalidades de ensino institucional e informal, que sempre me havia chamado a atenção, agora passava a ser um tema de maiores reflexões. Eu via o empenho intelectual e emocional daquelas pessoas em aprender, reunidas comigo semanalmente, durante anos, fora de qualquer curso regular que lhes fornecesse diploma ou certificados oficiais, sem maiores garantias além da confiança que depositavam em mim.

Sempre fiquei intrigado com a estranheza da aprendizagem, do ensino e da prática desta profissão de psicoterapeuta. Lembrome do espanto de Laing (1989), em *O eu e os outros*, ao se perguntar quem o havia autorizado a ser “médico de almas”. A mesma perplexidade haveria de encontrar muito depois em Hillman e Ventura (1995), no seu famoso *Cem anos de psicoterapia... E o mundo está cada vez pior*. Resolvi escrever sobre o tema para organizar as idéias. O primeiro texto, intitulado “O diabo a quatro”, publicado na revista *Rádice*, data de 1980. Ali, perplexo com o fato de pessoas me procurarem para, conversando, melhorar de algum modo sua vida, dizia:

Estranho estado! Que fazer? Agir na fluidez que ele traz? Esperar o tempo necessário para que se configure uma situação inteligível? Contemplá-lo, fundir-se com ele? Tentar defini-lo? Perguntas vazias! Para respondê-las, alguns têm me procurado – coisa que, aliás, freqüentemente me deixa perplexo. (Canello, 1980, p. 38)

O segundo artigo, de 1995, “A motivação para ser terapeuta”, está na minha *home page*. Redigi o texto a pedido de uma

aluna, para um trabalho de faculdade. Até hoje, é o escrito mais lido e comentado da página, por meio de *e-mails* ou de comunicações pessoais. Quinze anos depois, a estranheza da profissão continuava a me fustigar:

O que é “ser terapeuta”? Curar? Escrevi um livro inteiro para demonstrar que cura não é nada disso que se crê, com base no famoso modelo médico. Ser terapeuta deve ter algo a ver com fazer as pessoas mais felizes, ou, ao menos, fazê-las suportar melhor a infelicidade. Quem sabe, essa misteriosa profissão pode ser pensada em termos de extinguir condicionamentos indesejáveis. Ou tornar a vida dos outros mais significativa? Ou tantas outras coisas? Seja lá como for, “ser terapeuta” insere-se numa das cenas mais antigas da humanidade, aquela em que um indivíduo senta-se em frente ao outro para, falando, aliviar os seus males. Supõe-se que aquele que escuta e, eventualmente, palpita, seja detentor de um conhecimento da alma humana, ou coisa parecida. (Canello, 1995, s/p)

Um terceiro escrito está no meu livro *A carne e o sonho*, de 2000. O conto “Grupo de estudos” (Canello, 2000, p. 31) ressalta algumas características jocosas das reuniões de estudiosos da área psi.

O espanto ante o fenômeno é tido como a origem do filosofar, e tal afirmação é encontrada em Aristóteles¹. A mesma perplexidade orienta o olhar fenomenológico para o ensino e a

1. “[...] foi pela *admiração* que os homens começaram a filosofar tanto no princípio como agora; *perplexos*, de início, ante as dificuldades mais óbvias, avançaram pouco a pouco e enunciaram problemas a respeito das maiores, como os fenômenos da Lua, do Sol e das estrelas, assim como a

prática da psicoterapia. Cabe, no entanto, evocando Heidegger, delinear com mais precisão o conceito:

O espanto é, enquanto *páthos*, a *arkhé* da filosofia. Devemos compreender, em seu pleno sentido, a palavra grega *arkhé*. Designa aquilo de onde algo surge. [...] a *arkhé* torna-se aquilo que é expresso pelo verbo *arkhein*, o que impera [...] o espanto é *arkhé* – ele perpassa qualquer passo da filosofia. O espanto é *páthos*. Traduzimos habitualmente *páthos* por paixão, turbilhão afetivo. Mas *pháthos* remonta a *páskhein*, sofrer, agüentar, suportar, tolerar, deixar-se levar por, deixar-se con-vocar² por. No espanto detemo-nos (*être en arrêt*). [...] O espanto também não se esgota neste retroceder diante do ser do ente, mas no próprio ato de retroceder e manter-se em suspenso é ao mesmo tempo atraído e como que fascinado por aquilo diante do que recua. (1971, pp. 36-7)

Embora não seja minha intenção rastrear cada termo *des origines a nos jours*, este remeter o *espanto* – aqui sinônimo de perplexidade – aos verbos “suportar” e “tolerar” é uma construção decisiva para que se desvele o espírito da pesquisa. As atitudes de espanto, perplexidade, “deixar-se con-vocar por”, suportar, “deter-se junto” são constituintes da postura fenomenológica.

gênese do universo. E o homem que é tomado de *perplexidade* e *admiração* julga-se ignorante (por isso o amigo dos mitos é, em certo sentido, um filósofo, pois também o mito é tecido de maravilhas); portanto, como filosofavam para fugir da ignorância, é evidente que buscavam a ciência a fim de saber, e não com uma finalidade utilitária”. (*Aristóteles*, 1990, pp. 10-30; grifos nossos).

2. O hífen em con-vocar explicita a etimologia: ser chamado (vocar) junto a (con-).

É longo o caminho do psicólogo psicoterapeuta. Não conheço nenhuma outra atividade que necessite, para que o profissional seja formado, de tantas etapas: curso universitário, estágio supervisionado, psicoterapia pessoal, supervisão, cursos diversos em sociedades ou associações de psicoterapia, *workshops* etc. Os grupos de estudos também integram essa lista, embora não sejam uma passagem necessária. Como será visto, no entanto, dificilmente o psicólogo psicoterapeuta deixou de freqüentá-los. E mais: considera-os fundamentais para sua formação.

Cabe aqui uma pergunta: por que outras profissões não têm o hábito de se reunir em grupos de estudos? Essa é uma questão que me intriga; não tenho resposta, mas uma esperança. Penso que advogados, engenheiros, fisioterapeutas, historiadores, lingüistas e toda a imensa gama de trabalhadores intelectuais que a sociedade moderna gerou poderiam se beneficiar se estudassem da maneira descrita nestas páginas. Talvez seja muito pretensioso propor tarefas em seara alheia. Mas me ocorre que já existiram as guildas, associações de mutualidade formadas na Idade Média entre as corporações de artistas, negociantes ou operários. Embora não tenha sido sua finalidade original, ali conviviam mestres e discípulos, formando centros de convivência e aprendizagem. Dali surgiram as primeiras universidades. Com a institucionalização do ensino e o advento da burocracia e do controle, os primeiros transformaram-se em professores, distanciando-se dos aprendizes, que são os alunos de hoje. Este trabalho recupera o significado da convivência entre os dois atores essenciais ao ensino, evocando, em outras circunstâncias históricas, as figuras de mestre e discípulo. O estudo em grupos informais aparece como um ambiente adequado para tal reencontro.

Diante das muitas observações, conversas com colegas, leituras e longas divagações compartilhadas com os participantes dos “meus” grupos de estudos, fui delineando algumas características próprias desse curioso tipo de agregação humana. Escolhi o tema para elaborar uma dissertação de mestrado, agora transformada em livro. Será um recurso para suportar a perplexidade? Vejo que “escolher” não é o melhor verbo; diria, antes, que o assunto se impôs.

Algum mal-estar, porém, acompanha-me na tarefa. Foucault (2001, p. 171) chama de genealogia “o acoplamento do conhecimento com as memórias locais, que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização deste saber nas táticas atuais”. Estaremos atentos a esse conceito ao entrevistar psicólogos que passaram por grupos de estudos. É ainda o filósofo francês quem faz o questionamento:

E, a partir do momento em que se extraem fragmentos da genealogia e se coloca em circulação estes elementos de saber que se procurou desenterrar, não correm eles o risco de serem recodificados, recolonizados pelo discurso unitário que, depois de tê-los desqualificado e ignorado quando apareceram, estão agora prontos a anexá-los ao seu próprio discurso e a seus efeitos de saber e poder? (Foucault, p. 173)

Gostaria de tecer breve comentário sobre o trazer para a universidade aquilo que se passa fora dela, que tem características opostas ao ensino institucionalizado e, de certa forma, a ele se opõe. Não pretendo, em momento algum, “domesticar” as iniciativas espontâneas dos psicólogos na procura informal de seu

conhecimento. O objetivo também não é questionar as lacunas da Academia. Creio que as duas formas de aprendizagem convivem e se completam. O perigo reside na supremacia de uma sobre a outra. Prossigo o pensamento com uma consideração de ordem pessoal.

Durante as ricas experiências que percorri no curso de Psicologia, e mesmo depois de formado, não me lembro, em momento algum, de ter me preocupado com certificados escritos. Naqueles anos pré-gestão de Paulo Renato no Ministério da Educação³, os títulos de mestrado e doutorado não eram tão importantes para as faculdades particulares e confessionais, ou eu não os percebia como elementos fundamentais para a minha permanência na universidade. Professores ou não, estudávamos pelo saber, descuidados da hierarquia institucional. Essa é uma das características básicas do tema que investigaremos. Receio que, no afã de conseguir títulos, os recém-formados de hoje não se interessem tanto por um tipo de formação que valoriza antes o conhecimento que a pontuação curricular. Resgatar a importância desse tipo de aprendizagem é a principal justificativa do trabalho que ora se inicia.

Venho da tradição da psicologia clínica e escrevo, hoje, este livro sobre um tema de educação. Mas o assunto prende-se à educação para a clínica e fornece subsídios para um diagnóstico clínico da educação. No dizer de Larrosa, as práticas pedagógicas aproximam-se cada vez mais das práticas terapêuticas, tendo com estas similitudes estruturais significativas.

3. Paulo Renato Souza foi Ministro da Educação no governo de Fernando Henrique Cardoso, de 1º de janeiro de 1995 a 1º de janeiro de 2003.

E segue, introduzindo o tema da formação, importante componente do nosso trabalho:

E a antropologia contemporânea, ou melhor, o que hoje conta como antropologia, para além dos discursos sábios que se abrigam sob esse rótulo, na medida em que estabelece o que significa ser humano, não pode separar-se do modo como o dispositivo pedagógico/terapêutico define e constrói o que é ser uma pessoa formada e sã (e, no mesmo movimento, define e constrói também o que é uma pessoa ainda não formada e insana).⁴ (Larrosa, 2002, p. 40)

Das entrevistas, foram surgindo as características que deram título ao trabalho. É preciso notar, no entanto, que os depoentes forneceram dados de dois tipos. Um deles prende-se mais à dimensão subjetiva, como se nota ao ouvi-los falar sobre a importância dos mestres em sua formação. Temos, aqui, uma escuta que se aproxima da clínica. Outra espécie de informação aparece quando os psicólogos discorrem sobre a sistemática de estudo dos grupos a que pertenceram, impondo-se a escuta do pesquisador em educação. Não se trata de uma “amostra” de seis profissionais, pois se comportam, agora, como os informantes da

4. A aproximação entre pedagogia e alguma forma de terapia não parece ser tão recente como o quer Larrosa. Discorrendo sobre o cuidado de si nas culturas antigas, em especial em Roma, Foucault escreve: “Aliás, essas diferentes funções, a de professor, a de guia, a de conselheiro e a de confidente pessoal não eram sempre distintas, muito pelo contrário: na prática da cultura de si, os papéis eram, freqüentemente, intercambiáveis e podiam ser alternadamente desempenhados pela primeira pessoa” (Foucault, 1999, p. 58).

investigação das ciências sociais, em especial a antropologia. Aqui, “os ‘informantes’ são cuidadosamente escolhidos conforme critérios (muitas vezes estatísticos) formulados de antemão; devem ser ‘representativos’ das categorias analíticas (e/ou tipos ideais) usadas na formulação inicial do problema” (Fonseca, 1999, p. 60). O autor faz notar, ainda, que “O particular é usado para ilustrar ou testar alguma afirmação geral”, postulado essencial para a validade de uma pesquisa qualitativa.

A relevância da atuação profissional dos entrevistados foi o critério escolhido, como será exposto com maiores minúcias na seção metodológica. Importa ressaltar, neste momento, a interação constante entre a atmosfera clínica e a educacional, imposta pela natureza do trabalho e, segundo Larrosa, pela aproximação que a história vem trazendo (novamente) aos dois campos de atuação humana.

Vamos então esquadrihar os grupos de estudos dos psicólogos psicoterapeutas, um dispositivo pedagógico bastante peculiar, e saber como eles tecem a formação de seus membros.

POR QUE ESTUDAR OS GRUPOS DE ESTUDOS?

A importância dos grupos de estudos (daqui por diante grafados também como GES) para a formação dos terapeutas foi a observação original que motivou nossa pesquisa. Como se verá nas entrevistas feitas para o trabalho, todos os psicólogos disseram que, para a sua formação, os GES foram “decisivos”, “fundamentais”, “mais importantes que a faculdade” e expressões do mesmo jaez. Fizeram tais afirmações com vigor, com aquele jeito

forte que obriga a uma anotação no caderno de campo. Essa resposta era esperada, confirmando nossa visão sobre o tema, nesses tantos anos de prática profissional e ensino. Sempre nos chamou a atenção, também, a falta quase total de literatura sobre uma prática tão básica para os psicólogos psicoterapeutas. O que estaria acontecendo? Seriam a ênfase esperada quanto ao assunto e a ausência de publicações sobre o tema características de uma trajetória *informal*⁵?

Nota-se também, desde as respostas aos questionários iniciais (ver tabela na p. 61), que os profissionais passaram por diversos GES, embora alguns tenham permanecido muitos anos fiéis a um só agrupamento. A ausência de “regras” para a entrada e saída de tal modalidade de estudo chama a atenção nas entrevistas. Ao que parece, em dado tempo de participação, algo se esgota e outras paragens são procuradas. Será essa a propriedade de uma viagem informal e *nômade*?

Outra reação, esta também prevista por observações anteriores, referiu-se à figura do orientador, em alguns momentos chamado de mestre, por sua relevância para os participantes dos GES. Cada qual elegeu uma figura exemplar, dentre os muitos condutores de grupos com que tiveram contato. E todos falam dessa pessoa com muito respeito e admiração, como se louvassem os professores de antigamente, antes que a sociedade do espetáculo tentasse transformar os docentes em *showmen*. Isso sugere que os GES, numa perspectiva axiológica, são afeitos à

5. Para a formulação desta pergunta e das perguntas seguintes, bem como para a elucidação dos objetivos da pesquisa, guiamo-nos pelas recomendações de Luna (2000), esp. pp. 30-7.

“valorização da autoridade do professor [...] que, por sua dedicação aos valores do conhecimento, tem sua competência reconhecida e autoridade garantida” (Silva, 2000, p. 89). Desenhar-se-ia aqui, em meio à informalidade e ao nomadismo, uma característica *tradicional*?

Houve, ainda, um ponto inesperado, que necessita de apoio teórico para ser descrito. As formulações de Foucault (2001) e Critelli (1996) foram cruciais para a compreensão dos dados, além dos textos de Larrosa (2002). Trata-se da *constituição do sujeito psicoterapeuta* como integrante dos GES. As pessoas *aprendem* a participar do grupo. O contato com os colegas e o tipo de acolhimento, a escuta e as intervenções do orientador são decisivos. No limite, com o tempo, tal aprendizado produzirá modificações substantivas no participante. Dando suporte aos adjetivos antes cunhados – “informal”, “nômade” e “tradicional” –, podemos chamar este processo de *formação*, conceito que aparecerá diversas vezes neste trabalho.

Há um estranhamento em descrever um fenômeno com as palavras “informal”, “nômade” e “tradicional”. Os dois primeiros termos parecem contraditórios perante o terceiro. Para um enfoque inicial, utilizando aqui uma dicotomia *démodé*, diríamos que os GES são *informais* e *nômades* na forma e *tradicionais* no conteúdo.

Podemos, ainda, tentar outra aproximação aos três adjetivos escolhidos para o título. Os GES situam-se e funcionam num espaço *informal*, não codificado. *Nômades*, os psicólogos transitam por eles, encontrando aí formas de ensino em grande parte *tradicionais*.

Este é um estudo exploratório. Algumas impressões prévias, a importância dos GES e sua ausência nas publicações do saber “oficial”, bem como a força da figura dos mestres, estavam desde o início na mira do pesquisador. No caminho, no entanto, outras paisagens deram-se a conhecer, dignas de ser anexadas ao álbum que se pretendia compor: o nomadismo e a “transformação formativa” dos sujeitos. De acordo com as premissas que descreveremos ao tratar do método fenomenológico, não eram metas da investigação, mas passaram a sê-lo no decorrer do processo. Impuseram-se como tais.

Para ressaltar a importância dos GES na formação ampla do psicólogo psicoterapeuta, seguiremos o percurso de seus participantes, segundo as linhas que os guiaram, em sua informalidade e nomadismo. No decorrer da tarefa veremos emergir a figura do mestre como referência fundamental para a formação e modelo de atuações profissional e humana.

Esboçaremos também, no final do trabalho, alguma indagação sobre o silêncio oficial das publicações psicológicas ao (não) tratarem de tema de vital importância.

PERCURSO

Vamos anunciar o caminho do texto.

Em primeiro lugar visitaremos os métodos de pesquisa disponíveis para a pesquisa qualitativa. Justificaremos a escolha do método fenomenológico como a abordagem mais própria para acolher o tema do livro.

A seguir, no segundo capítulo, percorreremos os diversos aspectos de nosso objeto, os grupos de estudos formados pelos psicólogos psicoterapeutas. Descreveremos dois tipos de grupo, por apresentarem algumas diferenças em sua forma de funcionamento. Oporemos os grupos às formas constituídas e institucionalizadas de aquisição e manutenção do saber e do poder numa sociedade, com apoio no conceito de “poder disciplinar”, de Michel Foucault.

No terceiro capítulo vamos-nos deter no processo da pesquisa. Apresentaremos o questionário inicialmente aplicado a psicólogos escolhidos, bem como os critérios dessa escolha. Trataremos de justificar a inclusão de cada pergunta e tecer os primeiros comentários sobre as respostas obtidas. Em outro item seguiremos o mesmo procedimento, enfocando agora as entrevistas.

Nosso próximo passo, no quarto capítulo, será ouvir os depoimentos de seis psicólogos psicoterapeutas, cada um afeito a uma linha de trabalho. O conceito de unidade de significado aparece como fio condutor de nossa escuta. Serão apreciados os aspectos informal, nômade e tradicional dos grupos e de seus membros. Em “Postura, formação, identidade” o cerne do trabalho se destaca. Ali serão postos em evidência os modos de subjetivação a que os membros dos grupos de estudos estão submetidos. Procuraremos desvelar, com base nas entrevistas, como se constitui a identidade do psicoterapeuta.

As “Considerações finais” darão seguimento à questão da identidade, privilegiando agora uma visão teórica, ancorada no conceito de *a-letheia*. Caberá então uma síntese do que foi trabalhado até este ponto. Nas “Conclusões” serão comentadas as se-

melhanças e diferenças entre os diversos grupos de estudos, permitindo que algumas considerações pessoais encerrem o percurso.

Os temas de que o texto vai tratar aparecerão em dado capítulo ou item para ressurgir, mais tarde, em outro lugar, sob nova luz. O desvelamento/ocultamento dos fenômenos é próprio do método escolhido; o primeiro capítulo deixará claras as bases de tal alternância. Um círculo se forma e se re-forma entre as formulações teóricas, os dados da entrevista, os depoimentos dos entrevistados e as diversas observações que assaltam o pesquisador nas muitas etapas da pesquisa e da escritura. Esperamos que a compressão possa emergir dessa roda-viva.

Alternaremos com certa liberdade o plural majestático, o sujeito indeterminado e as referências ao “pesquisador”. Visamos tornar a leitura menos repetitiva e mais agradável.